

Experiência individual e absurdo na condição humana em Albert Camus

Enzo Francisco Torrecilha Queiroz¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar um estudo a respeito de alguns aspectos relevantes da filosofia de Albert Camus e sua abordagem sobre a existência do absurdo. A análise feita leva em consideração o ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, além de obras de intérpretes e dos pontos de contato com a filosofia de Miguel de Unamuno. Camus, para estudar o absurdo, parte do princípio do problema do suicídio, e como ele afeta o indivíduo em si. Com a falta de sentido inerente da vida, há o questionamento sobre saber se viver vale a pena ou não. A sensibilidade aqui desempenha um papel fundamental, pois desvela tudo aquilo que o homem é capaz de apreender para si em sua vida. O absurdo então se mostra na tentativa fracassada do homem de compreender o mundo, que possui seus próprios princípios e leis, sendo esses completamente estranhos ao conhecimento humano. Entretanto, Camus não deixa o individual em uma situação de completo fatalismo, entendendo que o homem deve viver a vida, mesmo sem sentido, utilizando-se de sua liberdade de ação com o fim de absorver o máximo de experiências possíveis, sendo capaz assim de ter seu próprio quinhão de felicidade.

PALAVRAS-CHAVE

Absurdo; Indivíduo; Sentido; Sensibilidade; Experiência.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Lattes: [7563636310119786](https://lattes.cnpq.br/7563636310119786). E-mail: enzotorrecilha@gmail.com. ORCID: [0009-0002-1245-3923](https://orcid.org/0009-0002-1245-3923).

Individual experience and the absurd in human condition in Albert Camus

ABSTRACT

The proposal of this article is to realize a study about some of the relevant aspects of Albert Camus' philosophy and his approach about the absurd existence. The analysis takes in consideration the philosophical essay *The myth of Sisyphus*, works of commentators and points in common with Miguel de Unamuno's philosophy as well. Camus, to study the absurd, goes with the principle of the suicide problem, and how it affects the individual as such. With the intrinsic lack of meaning of life, there is the questioning about knowing if life is worth living. The sensibility has a pivotal importance here, since it unveils everything man can learn on his life. The absurd shows itself in man's failed attempt to comprehend the world, which has its own principles and laws, which are completely strange to the human knowledge. However, Camus doesn't leave the individual in a scenario of complete fatalism, understanding man shall live his life, even without meaning, using his liberty of action with the purpose to absorb the maximum of possible experiences, being able that way to have his own share of happiness.

KEYWORDS

Absurd; Individual; Meaning; Sensibility; Experience.

Recebido: 22/06/2025

Aceito: 01/09/2025

Publicado: 05/09/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/rzsd8310>

Introdução

O intuito deste artigo é fazer uma análise das características mais importantes da parte relacionada ao Absurdo na obra de Albert Camus (1913 – 1960), além dos desdobramentos teóricos e práticos que ocorrem a partir da reflexão sobre o tema, focando principalmente no ensaio filosófico *O mito de Sísifo* (1942).

A filosofia camusiana, influenciada por diversos pensamentos existenciais do seu tempo,² além de romancistas e filósofos do século XIX e XX, busca primariamente entender o mundo e o homem por meio de uma abordagem assistemática e pontos de partida não tradicionais. Ele considera o absurdo que é observado em uma bipolarização do homem com o mundo como o ponto principal que categoriza a falta de sentido inerente da existência humana. A partir desse ângulo, o filósofo procura entender primeiramente os meios pelos quais o homem absorve o sentimento da absurdidade, por meio de sua sensibilidade. Após isso, ele busca compreender a experiência absurda pelas suas consequências para a consciência do indivíduo.

Para Camus, a vida humana é constituída por uma relação entre o homem e o mundo, sendo que o absurdo se instaura pela desproporção dessa relação. O homem possui um desejo de estar unido com o mundo, mas este último se mantém indiferente aos anseios do indivíduo. Aqui se inserem as ideias existenciais da angústia, a estranheza na percepção do homem, e a consciência individual como autêntica e ativa.

Esse grande absurdo que permeia a vida humana é o constituidor do problema filosófico principal para Camus, a saber, o suicídio. A falta de sentido, as consequências extraídas da relação do homem com o mundo por meio dos dados da sensibilidade e de uma razão limitada são os percursos que o filósofo faz em busca de soluções para como se viver de forma digna ainda que a condição humana esteja, em última instância, humilhada frente àquilo que enfrenta. Mesmo nesse cenário desolador, é possível que o homem consiga, de uma forma consciente e honesta, meios pelos quais sua alegria possa ser avistada. A luta do homem contra o absurdo é inútil, mas necessária. É o caminho tortuoso pelo qual o homem edifica sua experiência e constrói a dignidade de sua existência.

² Aqui pode-se citar a influência de Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger, na filosofia, assim como a obra literária de Dostoiévski, Malraux e Kafka, por exemplo.

1. A sensibilidade como ponto de partida da filosofia camusiana

Camus acredita que a filosofia deve ser praticada e estudada com o intuito de resolver problemáticas humanas, além de ter o foco justamente no homem. Recusando a abstração filosófica, o filósofo franco-argelino busca entender o papel e as condições do ser humano na vida terrena em que está inserido de forma mais visceral. Assim, o foco do trabalho filosófico de Camus não está numa razão humana cientificamente rígida, mas nas perturbações existenciais mais profundas do seu âmago. É a busca de “[...] evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torná-las claras para o espírito” (Camus, 2021b, p. 17).

Há uma valorização daquilo que é humano, concreto, além da vitalidade das capacidades da ação humana. Mais que tudo, Camus está voltado para os problemas mais notáveis do seu tempo: as angústias da existência, a natureza do mundo e a aparente falta de sentido da vida.³ Esse cenário o levou a desenvolver um pensamento filosófico a respeito do absurdo que permeia a vida humana.⁴ As ideias iniciais proferidas pelo filósofo estão apoiadas essencialmente na noção de sensibilidade:

o papel da sensibilidade foi imenso. Forneceu as grandes intuições. Se revelou o absurdo, revelou o mundo onde há oportunidade de ser feliz. Revelou a revolta como missão e solidariedade. Existe a pobreza, a doença e a solidão. Tudo isso e a morte. Mas existe um dia ensolarado. O absurdo nesta totalidade (Guimarães, 1971, p. 22-3).

Por meio das impressões do mundo, o homem deverá então buscar os meios pelos quais deve viver. Esses meios, dados pela vivência do homem com o exterior e com as reflexões derivadas de suas inquietações internas, sendo esses os pontos de partida do pensamento camusiano. Camus ilustra isso por meio do ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, onde ele aponta características do absurdo, além de extrair as conclusões mais relevantes e mais necessárias para a vivência humana.

³ O contexto do ensaio *O mito de Sísifo* deve ser levado em consideração. Publicado em 1942, em uma França ocupada pela Alemanha nazista, o livro se situa em um momento em que Camus nota o absurdo que permeava a Segunda Guerra Mundial, assim como a condição humana afetada por esses acontecimentos em sua época, sendo o primeiro empreendimento filosófico mais organizado do autor.

⁴ Ainda que a obra camusiana seja bastante diversificada, considera-se que o seu pensamento se dá em três eixos temáticos: o absurdo (tema deste artigo), a revolta e o amor (esse último considerado incompleto). Todos os eixos são compostos por pelo menos um ensaio, um romance e peças de teatro. O ciclo do absurdo compreende o romance *O estrangeiro*, o ensaio *O mito de Sísifo* e as peças de teatro *Calígula* e *O mal entendido*, ciclo esse em que Sísifo é a figura central. No ciclo da revolta, há o romance *A peste*, o ensaio *O homem revoltado* e as peças de teatro *Estado de sítio* e *Os justos*, possuindo Prometeu como figura mitológica norteadora. No ciclo do amor e da medida, incompleto pela morte precoce de Camus, há o romance *O primeiro homem*, possuindo Nêmesis como figura central.

O livro inicia o primeiro questionamento com a constatação do absurdo, sendo que o homem deve escolher entre viver com essa consciência ou ir de encontro com a morte por meio do suicídio. Esses são os pontos opostos do questionamento sobre o sentido da vida. Esse pensamento sobre a morte e a ausência de sentido inerente da vida, na visão de Camus, não está relacionada a um fenômeno social,⁵ mas a um questionamento de algo no âmago do homem: “a sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido” (Camus, 2021b, p. 19).

Dessa forma, existe um momento em que o absurdo e o suicídio se encontram. Esse cruzamento é o ponto da vida do homem onde ele observa um mundo privado de sentido, um lugar estranho às suas aspirações. O homem se sente arrancado de sua própria vida, um estrangeiro em um universo silencioso que não responde a nenhum dos seus anseios. Assim, o motor primeiro da investigação filosófica de Camus é justamente o absurdo porque ele leva o homem à morte. Isso está acima de qualquer abstração teórica, pois diz respeito à manutenção da vida. Mas para entender a totalidade desse cenário, é preciso se voltar primeiro para o entendimento dos aspectos mais importantes do que se entende como absurdo.

2. A natureza do absurdo

É a partir da sensibilidade humana que o absurdo se apresenta de forma mais fulminante. Camus rejeita a utilização de uma metodologia sistemática com uma finalidade epistemológica para que o absurdo seja entendido. O método camusiano é baseado na finalidade de apreender os impulsos e atos do homem que correspondem ao impacto do absurdo: “[...] eu conheço *na prática* os homens e os reconheço na sua conduta, no conjunto de seus atos, nas consequências que sua passagem suscita na vida” (Camus, 2021b, p. 26, grifo do autor).

O absurdo é então apresentado como uma experiência. Camus utiliza exemplificações para ilustrar tal situação. Inicialmente, a percepção do absurdo se mostra na cotidianidade do homem, quando, em um determinado momento, ele constata sua finitude e a marcha implacável para a morte em que está e nunca poderá se desvencilhar:

a revelação da morte tem algo de violento e nos transforma. Chega um dia em que nos damos conta de que o homem morre e de que morreremos. Uma vez atingida esta verdade, seremos para sempre sua presa. É pela morte que nossa sensibilidade chega

⁵ Como no caso do pensamento sociológico de Émile Durkheim, por exemplo.

ao absurdo. Só depois de termos sido atingidos de perto, a grande verdade terá significação e não mais se deixará levar ao desprezo (Guimarães, 1971, p. 31).

Segundo Camus, o homem, principalmente na época contemporânea, possui uma cotidianidade repetitiva e mecânica que, quando rompida, leva-o a um alheamento do resto do mundo. O filósofo franco-argelino ilustrará essa situação por meio do romance *O estrangeiro* (1942), onde seu protagonista, Meursault, é um homem que vive apenas em sua limitada rotina e em seus hábitos. Ele se aborrece com a necessidade de comparecer no enterro da mãe, já que precisará faltar ao seu trabalho, por exemplo. Posteriormente, sua postura mudará, já que confrontado com a certeza da morte, ele entende a falta de sentido da vida por conta do seu fim último e, a partir disso, encontra certo conforto em sua existência, que apreende o absurdo quando lida com a certeza do perecimento:

mas todos sabem que a vida não vale a pena ser vivida. No fundo, não ignorava que tanto faz morrer aos trinta ou aos setenta anos, pois em qualquer dos casos outros homens e outras mulheres viverão, e isso durante milhares de anos. Afinal, nada mais claro (Camus, 2021a, p. 118).

Além da consciência da morte, há outros exemplos onde se constata o absurdo. O aspecto temporal da finitude da existência humana é um desses exemplos. É comum que o homem veja sua vida sempre pelo seu futuro, ignorando o seu presente.

Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos que levá-lo. Vivemos no futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando você conseguir uma posição”, “com o tempo vai entender”. Estas inconsequências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer (Camus, 2021b, p. 28).

Em algum momento, assim, o homem entenderá que está inserido em um espaço de tempo finito e que sua existência tem um “prazo de validade”. Esse novo homem consciente do absurdo vê o tempo então como um inimigo, pois ele aponta um destino impossível de se escapar e fomenta o mistério sobre uma possível vida futura: “esse pensamento de que tenho de morrer e o enigma do que haverá depois é o próprio latejar da minha consciência” (Unamuno, 2019, p. 39).

Não é apenas o tempo que se demonstra como um adversário do homem. As poucas conclusões que se pode tirar do mundo em que o indivíduo foi atirado também o perturbam. Na maior parte das situações, são os homens que designam significados ao universo em que se encontram, não o mundo que os apresenta por si mesmo por meio de seus elementos, o que causa uma estranheza ao sujeito:

no fundo de toda beleza jaz algo de desumano, e essas colinas, a doçura do céu, esses desenhos de árvores, eis que no mesmo instante perdem o sentido ilusório com que os revestimos, agora mais longínquos que um paraíso perdido. [...] Por um segundo não o entendemos mais, porque durante séculos só entendemos nele as figuras e desenhos que lhe fornecíamos previamente, porque agora já nos faltam forças para usar esse artifício (Camus, 2021b, p. 29).

Emmanuel Mounier aponta a natureza do pensamento camusiano como um pensamento “humilhado”, pois as exigências humanas de comunhão com o mundo estão fadadas ao fracasso e ao esquecimento. O espírito humano está amparado apenas em seus anseios e em uma razão bastante limitada, já que ela está pautada apenas naquilo que o homem é capaz de sentir: “[...] o absurdo é um divórcio entre o espírito que deseja e o mundo que decepciona, esse espírito e esse mundo escorados um ao outro sem poderem se abraçar” (Mounier, 1972, p. 65).

Essa insuficiência das capacidades da mente humana reflete-se, para Camus, até na dificuldade do desenvolvimento de uma epistemologia, mesmo que seja rudimentar. Em um universo indiferente ao homem, praticamente impossível de ser categorizado pelas suas próprias limitações racionais, esse empreendimento é considerado inútil. Boa parte dos fenômenos que ocorrem no mundo não possuem um princípio de ação único. Existe uma vontade no indivíduo de que possa haver esse suposto princípio, já que isso solucionaria suas dúvidas sobre as leis que regem o universo em que está inserido. O conhecimento é, em última instância, algo volúvel e pouco confiável, já que se baseia nas limitadas sensações humanas. Para Camus, dessa forma, há uma grande restrição sobre até que ponto o homem pode afirmar conhecer algo. Mesmo no campo das ciências naturais, o conhecimento e o consenso teórico são em grande parte mutáveis ao longo do tempo, o que traduz também a impossibilidade de se compreender completamente o próprio mundo (Camus, 2021b). Essa unidade desejada pelo indivíduo consiste em um forte impulso da necessidade de uma solução que o conforte e que justifique sua existência, algo que o leve a um tipo impossível de infinitude:

o universo visível, o universo que é filho do instinto de conservação, me é estreito, como uma jaula pequena para mim e contra cujas barras minha alma bate em seus voos; falta-me no ar o que respirar. Mais, mais, cada vez mais quero ser eu e, sem deixar de sê-lo, ser ademais os outros, adentrar a totalidade das coisas visíveis e invisíveis, estender-me ao ilimitado do espaço e prolongar-me ao inacabável do tempo (Unamuno, 2019, p. 38).

Assim, o absurdo se instaura nesse conflito entre o homem e o mundo. É um confronto perdido por conta da própria natureza da condição humana. Essa enorme vontade do homem de se unir ao mundo por meio da criação de uma nova realidade sintética, escapar da morte e da indiferença não possui nenhuma perspectiva de sucesso definitivo e total. O homem é

prisioneiro de si mesmo. Suas impressões sobre o mundo são limitadas. Seu destino está traçado de forma permanente. Sem dúvida, paira um certo fatalismo nesse pensamento:

[...] nossa trabalhada linhagem humana nada mais é que uma fatídica procissão de fantasmas, que vão do nada ao nada. [...] Se todos morremos de todo, para que tudo? Para quê? É o “para quê” da Esfinge, é o “para quê” que nos corrói o cerne da alma, é o pai da angústia, a mesma que nos proporciona o amor de esperança (Unamuno, 2019, p. 42).

Entretanto, essa falta de esperança não deve ser vista como um limitador do homem, mas sim como uma espécie de emancipação. Despido do anseio de uma vida futura, o indivíduo tem a possibilidade de viver mais intensamente o presente, além de alcançar uma existência mais autêntica. Camus exige a recusa do homem frente ao absurdo, sem esperança de vitória ao mesmo tempo que não deve se desviar da própria consciência da sua condição, focado sempre no tempo presente: “um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre. Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro” (2021b, p. 46).

3. As variadas ações humanas frente ao absurdo

A experiência individual do absurdo implica determinadas atitudes às quais o homem deve sempre se ater para que não caia no “suicídio filosófico” apontado por Camus, onde o homem se evade do confronto com o absurdo. A inteligência humana deve se ater apenas àquilo que consegue compreender com clareza, sem a utilização de subterfúgios para apaziguar sua angústia existencial e escamotear a relação do indivíduo com o mundo.

Camus entende que esse comportamento pode ser aplicado a certos filósofos existenciais, como Kierkegaard, Jaspers e Chestov, além de dissertar sobre a fenomenologia de Husserl. Por meio de seus pensamentos, compreenderam a situação do absurdo premente na vida humana, mas acabaram por criar saídas para negar essa compreensão e dar uma espécie de esperança ao humano. A atitude existencial desses filósofos seria: “[...] o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação” (Camus, 2021b, p. 55). Esse movimento do pensamento é composto por um “salto” para um lugar abstrato desconhecido onde a razão humana não possui utilidade ou força, ou é completamente soberana, aspirando uma “ideia eterna” que funcionaria como um princípio que tudo explica nas inquietações humanas.

Para Camus, tanto uma epistemologia e metafísica filosófica pautada na pura razão abstrata (como no caso da fenomenologia de Husserl, com a ideia de busca da essência de cada

objeto do conhecimento apreendido), quanto em uma irracionalidade completa (caso de Kierkegaard com o salto para o estádio religioso) são formas de consolar o homem em suas limitações por meio da explicação do que o mundo é. Esse empreendimento é inconcebível na atitude do homem absurdo:

a razão e o irracional levam à mesma predicação. Na verdade, o caminho importa pouco, a vontade de chegar basta para tudo. O filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apoiam na mesma angústia. Mas o essencial é explicar. Aqui a nostalgia é mais forte do que a ciência (Camus, 2021b, p. 61).

Assim, o homem absurdo busca entender até onde sua razão pode o levar, entendendo o escopo de sua própria compreensão. O mundo para esse espírito absurdo “[...] não é tão racional, nem irracional a tal ponto. Ele é irracionável, e nada mais do que isso” (Camus, 2021b, p. 62). A grande sensação que atormenta o âmago do homem absurdo é propriamente a angústia pela falta de explicação. Mas ele deve entender que isso é próprio de suas limitações e, dessa forma, edificar sua existência justamente naquilo que sua racionalidade pode entender. Com isso posto, surge o questionamento: descartando o suicídio como saída e se recusando a desviar do absurdo, como então esse homem consciente deve levar a sua vida?

De todas as ações possíveis devem ser consideradas apenas as inseridas no campo da experiência humana, nunca fora dela. Essa experiência possui seus princípios da racionalidade, assim como limites próprios, como o sentimento de nostalgia, a incomunicabilidade com um “além-mundo” e o eterno conflito entre o homem e o mundo. Aqui se insere o “engajamento” que, tão caro aos existencialistas, também é introduzido no pensamento de Camus, quando o homem deve manter uma resistência contra o absurdo e as repetidas tentativas de desvio da sua consciência que, em certa medida, lhe trazem um conforto, mas que são irrisórias e falsas. Mesmo aplacado pela angústia e pela falta de sentido, o esforço humano deve perdurar:

os conflitos espirituais se encarnam e voltam a encontrar seu abrigo miserável e magnífico no coração do homem. Nenhum deles está resolvido. Mas todos se transfiguraram. Vamos morrer, escapar pelo salto, reconstruir uma casa de ideias e de formas à nossa medida? Ou, pelo contrário, vamos manter a aposta dilacerante e maravilhosa do absurdo? [...] O corpo, a ternura, a criação, a ação, a nobreza humana retomarão então seu lugar neste mundo insensato. O homem finalmente reencontrará aí o vinho do absurdo e o pão da indiferença com que nutre a sua grandeza (Camus, 2021b, p. 66-7).

O homem consciente da sua finitude e da inerente falta de sentido da sua existência não deve simplesmente assentir e ficar imóvel a essa situação. Justamente por esse quadro, o espírito absurdo está constantemente voltado para a apreensão de suas experiências no curso de sua vida,

ao mesmo tempo que não ignora sua própria condição. Aí está sua maior exigência. E é por ela que se instaurará a revolta no homem, onde este mantém sua luta paradoxalmente obstinada e fútil:

viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente. Mas, sabendo-o absurdo, não se viverá esse destino sem fazer de tudo para manter diante de si o absurdo iluminado pela consciência. Negar um dos termos da oposição na qual se vive é fugir dela. Abolir a revolta consciente é eludir o problema. O tema da revolução permanente se transfere assim para a esfera individual. Viver é fazer com que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, antes de mais nada, contemplá-lo (Camus, 2021b, p. 67-8).

O homem deve, assim, manter uma posição resoluta movida por uma vontade obstinada. Ele não se resigna nem se reconcilia com o absurdo que o esmaga. Ele esgota todas as experiências em que consegue se apoiar, assim como toda a sua liberdade de ação. Camus sustenta que o sujeito absurdo compreende que não é completamente livre, já que, durante sua cotidianidade, está voltado para metas e desejos futuros em que julga estar sua felicidade. Uma liberdade total não pode ser concebida, pois implica a existência de uma entidade superior que disponibilize essa liberdade, e essa existência implica ainda o clássico problema da presença do mal concomitante à presença de Deus. Aqui acontece o surgimento ou o desaparecimento da responsabilidade do homem pelos seus atos. Camus tem uma visão semelhante a Epicuro: “[...] ou não somos livres, e o responsável pelo mal é Deus todo-poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso” (Camus, 2021b, p. 70).

Camus decide então valorizar não a liberdade do homem no sentido metafísico, mas na sua “disponibilidade” de poder exercer suas próprias escolhas existenciais. A atenção sempre dirigida ao absurdo e para a inevitabilidade da morte levam o sujeito a valorizar o que pode ser feito justamente no tempo presente, além de superar a anteriormente dita cotidianidade mecânica e buscar sua autenticidade. O filósofo então expõe, por meio de exemplos, situações em que o homem absurdo conserva sua plenitude e sua luta.

Partindo da consciência para a ação, o indivíduo ciente de sua condição deve então preservar uma honestidade de pensamento, agindo de forma coerente com o que já foi ditado como verdadeiro: a vida sem apelos ao eterno, suas limitações do conhecimento e sua finitude. Seu método de ação então se baseia não em buscar justificações para seus atos, mas em suportar as consequências daquilo que já apreendeu e vivenciou com orgulho e serenidade. Camus entende que o homem absurdo não possui regras formais para constituir sua ética. Ele vai pelo caminho de construir um grande quadro composto por suas experiências levadas até as últimas consequências.

No capítulo *O homem absurdo*, Camus irá então descrever seus esboços de indivíduos que viveram suas vidas de formas diferentes, mas todas completamente conscientes do absurdo inserido em suas existências, sendo essas a figura de Don Juan, o ator e o conquistador. Essas figuras funcionam não apenas como esboços propriamente, mas também como espelhos de modos de existência de indivíduos que se conscientizam do absurdo e tentam, pelos mais variados meios e intensidades, não apenas suportar a condição humana, mas manter a revolta viva e presente em todos os momentos. A tenacidade desses indivíduos é a mesma que Camus atribui à Sísifo, que mesmo diante de um esforço inútil, continua a prosseguir em sua tarefa, que em última instância é a de existir, carregando o orgulho de estar consciente e de manter sua dignidade frente ao absurdo.

Inicialmente, Camus se detém na imagem de Don Juan, um amante extremo da vida, alguém que despreza o fato que um dia irá morrer. Ele possui um apetite incessante pelas experiências amorosas que possui e busca constantemente: “o lamento do desejo perdido no deleite, esse lugar-comum da impotência, não lhe pertence” (Camus, 2021b, p. 86). Sua ética de ação não procura em momento algum dar razão a sua existência e muito menos se aprofundar de forma exagerada em suas próprias experiências. A paixão que o conduz não tem como base uma vontade duradoura, mas de saciamento de seus desejos. Assim ele busca a quantidade, não a qualidade do que se impõe, criando assim seu próprio código moral: “Don Juan não busca o sentido profundo das coisas, ele procura viver mais, sem almejar viver profundamente a qualidade de suas conquistas. Ele sabe que a profundidade da experiência desilude” (Pimenta, 2013, p. 183). Dessa forma, ele não se deixa afetar pela aproximação implacável da morte e seu destino último, pois está ciente desse fato e age de acordo com ele. Seu maior triunfo é a lucidez.

Outro personagem importante para Camus é o ator. Para ele, não é propriamente o ator que é absurdo, mas seu destino. As ações dele são essencialmente efêmeras, o que caracteriza sua suposta falta de sentido de um ponto de vista pragmático. O ator encarna um personagem e o vive com intensidade, ao mesmo tempo que suas ações serão apagadas rapidamente com o tempo. O destino da atuação artística é seu esquecimento, já que todas suas ações são captadas pela perspectiva visual de seus espectadores, diferente de uma obra escrita, por exemplo, que pode subsistir por muito mais tempo. O absurdo está justamente em suas ações: “do ator, nada permanecerá, seus gestos, sua respiração, seu hálito, não chegarão às futuras gerações” (Pimenta, 2013, p. 193). Assim, tanto os atos do ator em sua profissão quanto aqueles realizados em sua cotidianidade acabam por se mesclar:

[...] não há fronteira entre o que um homem quer ser e aquilo que é. E o que ele demonstra, sempre ocupado em figurar melhor, é até que ponto o parecer faz o ser. Pois sua arte é isto, fingir totalmente, entrar o mais fundo possível em vidas que não são as dele. Ao cabo desse esforço fica clara sua vocação: aplicar-se de corpo e alma a não ser nada ou a ser muitos (Camus, 2021b, p. 95-6).

Assim, o ator é visto como um ser diferente do homem comum, já que está voltado sempre para seus próprios gestos e como eles se apresentam no palco. O corpo é o principal objeto a ser observado: “a lei dessa arte quer que tudo cresça e se traduza em carne” (Camus, 2021b, p. 96). No ator também é vista a ideia de uma multiplicidade de experiências, já que apenas uma simples “apresentação” não é suficiente, sendo necessárias várias delas para que o ator cumpra seu destino absurdo. É uma atividade completamente fugaz e inútil, ao mesmo tempo que traduz uma série infinita de indivíduos interpretados por um só ator.

Por fim, a figura do conquistador, que aparece quando um indivíduo apreende uma verdade que o guia por toda sua existência, adquirida ao longo de sua vida. O homem contemporâneo, segundo Camus, não necessita de um amplo leque de virtudes para sua vida, mas, sim, de um ponto em seu pensamento em que possa se entregar por inteiro e levá-lo até suas últimas consequências. O indivíduo deve tanto pensar quanto agir, mesmo quando tais esforços sejam no fim completamente carentes de um sentido. O conquistador não é mais o líder militar que conquista territórios. É aquele que busca e exalta suas próprias virtudes da luta contra o absurdo:

a grandeza trocou de campo. Ela está no protesto e no sacrifício sem futuro. E também aqui, não por causa do gosto da derrota, a vitória seria desejável. Mas só há uma vitória e ela é eterna. É aquela que nunca conseguirei. Eis onde tropeço e fico pendurado. [...] Exalto o homem diante do que o esmaga, e minha liberdade, minha rebeldia e minha paixão se unem nessa tensão, nessa clarividência e nessa repetição desmedida (Camus, 2021b, p. 104).

O conquistador, acima de tudo, é aquele que afirma a grandeza do homem mesmo em seu momento de “humilhação”. Similar ao *Übermensch* de Nietzsche, os conquistadores “[...] são simplesmente aqueles que sentem a própria força o bastante para terem certeza de viver constantemente em tais alturas e com plena consciência dessa grandeza” (Camus, 2021b, p. 105). Ainda que o homem seja alijado pelas limitações de sua razão, ele possui aspectos que, mesmo perecíveis, são dignos de admiração. Camus aponta, por exemplo, a fraternidade entre os homens que encaram o mesmo destino, sendo essa uma grande riqueza. Ele considera o campo das relações humanas como um dos únicos “luxos” do indivíduo. O “reino” desse conquistador é composto pela beleza da virtude individual, o desprezo pela morte e a lucidez de sua condição humana.

Dessa forma, em todos esses casos, existe uma tese onde é priorizada uma “ética da quantidade” em detrimento de uma “ética da qualidade”. Isso significa que “a moral⁶ de um homem, sua escala de valores, só tem sentido pela quantidade e variedade de experiências que lhe foi dado acumular” (Camus, 2021b, p. 74). Deve ser entendido que geralmente os indivíduos têm a mesma quantidade de experiências comparativamente entre eles mesmos, considerando que vivam aproximadamente uma quantidade de tempo similar. O que diferencia cada um deles é justamente a sua consciência sobre essas experiências. Viver o máximo possível só é cabível ao homem consciente do absurdo.

Conclusão

A filosofia elaborada por Camus, bastante influenciada pelos filósofos existenciais, além da literatura e dos próprios acontecimentos que ele testemunha durante sua vida, como a eclosão da Segunda Guerra Mundial e as disputas ideológicas da primeira metade do século XX, tenta entender o mundo e o homem por meio de uma abordagem menos tradicional e assistemática, colocando o problema do suicídio como ponto de partida.

Nesse universo cercado por escombros, a falta de sentido e as tragédias que acompanham a condição humana se tornam o começo e o fim do indivíduo. Camus busca dar um novo caminho ao homem, observando as peculiaridades desse mundo e como o homem se relaciona com ele. O absurdo surge desse movimento. A consciência humana se vê cercada por suas limitações e pela indiferença do mundo frente a seus apelos de unidade. A sensibilidade do homem só vai até certo ponto, assim como sua racionalidade. De certa forma, Camus quer manter o indivíduo consciente disso, mas também deseja que ele não se mantenha inerte. Há uma exortação ao homem para que mantenha uma coragem e honestidade frente seu enfrentamento perpétuo contra o absurdo. Nesse conflito, o homem restaura sua grandeza justamente pelas virtudes que conserva ao se manter consciente. Ele entende sua posição “humilhada”, mas que também incentiva uma liberdade de ação, onde o indivíduo restaura sua dignidade e ganha a possibilidade de alcançar a felicidade.

⁶ Vale ressaltar que Camus utiliza os termos Ética e Moral n’*O mito de Sísifo* de forma intercambiável, voltados para o comportamento individual. Seu estilo de pensamento é mostrado por Todd (2024, p. 296): “[...] a moral visa fundamentar regras de vida e a ética visa analisar os conceitos da moral”

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021a.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. 22ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021b.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. As ilustrações das vidas absurdas segundo Albert Camus. *Kalagatos*, Fortaleza, v. 10, n. 19, p. 175-202, inv. 2013.

MOUNIER, Emmanuel. *A esperança dos desesperados: Malraux – Camus – Sartre – Bernanos*. Trad. Naumi Vasconcelos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TODD, Olivier. *Albert Camus: uma vida*. Trad. Monica Stahel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida: dos homens e dos povos*. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.